



2ª Conferência da Rede Europeia das Universidades de Ciências Aplicadas

Sessão de Encerramento - 2 Outubro de 2012

Senhor Ministro da Educação e Ciência, Excelência

Senhor Presidente do Conselho Coordenador dos Institutos Politécnicos

Portugueses

Senhor Presidente da UAS net

Senhores Reitores e Gestores das Universidades e Presidentes de Institutos

Politécnicos

Autoridades, Comunicação Social

A União Europeia é o resultado de uma visão e de um ideal de paz e prosperidade para a Europa, tida por grandes estadistas no pós guerra, projeto cuja arquitetura institucional e dimensão tem vindo a crescer.

A crise financeira mundial que se iniciou em 2008, com epicentro nos Estados Unidos, criou instabilidade no projeto europeu e colocou a Europa em recessão económica, atingindo duramente vários dos seus membros, em especial, os do Sul, pressionados e explorados por um sistema financeiro global não subordinado a um adequado sistema de regulação e supervisão, por falha na clarificação entre as funções dos governo e dos mercados.

Por omissão, o sistema financeiro, primeiro responsável pela crise, transferiu para os contribuintes as perdas que gerou, provocando pobreza, desemprego, diminuição de confiança no projeto europeu e nas instituições dos países membros.

Nesta fase, a Europa volta a ter que dar um impulso na sua arquitetura, com mais integração política e legitimidade democrática das suas instituições para responder à crise, aos problemas da globalização, da demografia, das alterações climáticas e para, de forma mais ativa e credível, a uma só voz,



assumir no mundo, de modo mais consistente os seus princípios e ideais no quadro do diálogo entre continentes.

A Europa tem de fazer equipa, construir coesão com o contributo de todos os seus membros, com as suas capacidades e competências diferenciadas, contando com as diferenças culturais e de identidade como a primeira das riquezas da União, em que o valor do conjunto supera muito a soma das partes.

Ontem, no pós- guerra, e mais recentemente, precisaram de ajuda alguns os países da Europa Central. Hoje precisam de ajuda os países da Europa do Sul. Amanhã não se sabe quais, e por isso, é mais prudente unir esforços e atuar de forma solidária, pondo de parte alguns egoísmos nacionais. Cito um provérbio Hindu que diz “ o bem que se faz na véspera, torna-se felicidade no dia seguinte”.

A União Europeia traçou a sua estratégia para superar a crise, com a criação de uma economia mais competitiva, com mais empregos e mais coesão social. Nesta visão de futuro e de mudança definiu três prioridades: uma Europa mais inteligente; mais sustentável e mais inclusiva, e traçou cinco objetivos comuns em matéria de emprego; de investigação e desenvolvimento; alterações climáticas e energia; educação; pobreza e exclusão social, propondo-se implicar melhores resultados em matéria de educação, de investigação e inovação e da sociedade digital.

A criação de riqueza de forma sustentável e a sua justa repartição é um desafio para todos os povos do planeta, bem como o necessário equilíbrio global entre a oferta e a procura de bens essenciais como a água potável, a energia, as matérias-primas e os bens alimentares básicos.

É neste quadro desafiante que a economia de Inovação dará um contributo decisivo, determinando a liderança das nações, devendo gerar prosperidade global e mais tolerância entre civilizações e o avanço da Democracia.



A economia de Inovação terá que contar com uma força laboral competente, num sistema de ensino capaz de preparar quadros com capacidades mais avançadas e de maior formação tecnológica. O futuro dos países constrói-se com mais e melhor educação, o êxito das empresas e das organizações da sociedade depende das competências dos cidadãos.

Senhor Ministro da Educação e Ciência, no quadro das necessárias reformas estruturais no país, são perceptíveis as recentemente concretizadas no ensino básico e secundário, no sentido da melhoria do sistema educativo. No ensino superior esperam-se evoluções de mais sustentabilidade e maior abertura das Instituições aos desafios do crescimento e competitividade da economia, conforme a visão assumida no quadro da estratégia europeia.

É no contexto referido que quero partilhar com Vossa Excelência duas preocupações, a da coesão territorial e da evolução do Ensino Superior Politécnico. A primeira, tem a ver com a necessidade de corrigir assimetrias no País que, no Litoral, em 20% do território se concentra 80% da economia, 70% da população e 85% dos alunos do ensino superior, deixando para trás todo o Interior do país, mais despovoado e mais empobrecido, situação que tem de ser invertida com a ajuda de políticas públicas dirigidas aos problemas da interioridade.

Nos últimos anos, ainda que de forma insuficiente, as instituições de ensino superior localizadas no interior do país constituíram-se como fator essencial na estruturação e qualificação das capitais de distrito, tornando esta rede de cidades mais qualificadas e competitivas e mais aptas para ancorar os territórios limítrofes. A presença estudantil nestas cidades deveria, no mínimo, ser duplicada, no quadro de uma nova política de coesão territorial, de reforço de competências científicas e tecnológicas e de valorização da presença do estado no Interior de Portugal Continental.



A segunda preocupação é uma extensão da primeira, tem a ver com a necessária sustentabilidade e contributo do Ensino Superior Politécnico para a competitividade e coesão do território, em que os cidadãos do Interior são parte interessada. Entendo que a atual situação de crise torna os Institutos Politécnicos mais vulneráveis, sendo no entanto este período de reforma o momento propício para proporcionar uma oportunidade e colocar um desafio a este sistema de ensino, considerando o significativo aumento das suas competências científicas e tecnológicas, proporcionando-lhe uma evolução progressiva e estruturada para uma missão mais avançada.

Reconhecida a dimensão, competências e mérito, os Institutos Politécnicos, por iniciativa própria deveriam poder candidatar-se a um patamar superior, a criar, o das Universidades de Ciências Aplicadas, entrando numa nova via, de mais reconhecimento público e afirmação no meio empresarial, conforme as suas congéneres europeias aqui reunidas, aproximando o nosso sistema de Ensino politécnico, do sistema maioritário na Europa.

Para concluir, quero partilhar um sentimento de esperança no futuro do país e da Europa, salientar que o povo português tendo sido pioneiro na globalização, dispondo das fronteiras mais antigas e estáveis da Europa, com mais de setecentos anos, e que, como povo de navegantes sempre soube utilizar bons ventos, sabia para onde queria ir. Hoje, saberá ainda que, com elevados sacrifícios, ajustar o rumo e reencontrar um caminho de futuro no seio da União Europeia, sem descurar a sua História e posição geoestratégica na ligação de três continentes.

Para os senhores Reitores e Gestores Universitários, Presidentes de Institutos Politécnicos desejo que a presença de V. Exa. em Bragança e os resultados desta 2ª Conferência sejam lembrados por bons motivos. Senhor Ministro, para V.Ex.^a os melhores êxitos.

Município de Bragança, 2 de Outubro de 2012

António Jorge Nunes